A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA OS BEBÊS E CRIANÇAS

CÁTIA BORGES DA ROCHA

RESUMO

Este artigo discute a importância da leitura na primeira infância, destacando seus impactos no desenvolvimento global dos bebês e das crianças pequenas. A leitura, quando inserida desde os primeiros anos de vida, atua como uma ponte entre o afeto e o conhecimento, contribuindo para o amadurecimento da linguagem, da imaginação e do pensamento crítico. Além de favorecer o desenvolvimento cognitivo e emocional, a leitura fortalece os vínculos entre adultos e crianças, criando momentos de escuta, acolhimento e construção de memórias afetivas. A partir de uma pesquisa bibliográfica, o estudo percorre quatro eixos principais: a relevância da leitura na infância; a relação entre leitura e vínculo afetivo; os efeitos da leitura no desenvolvimento da linguagem e do pensamento; e caminhos possíveis para incentivar essa prática nos contextos familiar e escolar. São apresentados autores consagrados da área da educação, psicologia e linguagem, que reforçam a leitura como direito e necessidade fundamental para a formação humana. Conclui-se que incentivar a leitura desde cedo é uma forma de garantir à criança não apenas o acesso à palavra escrita, mas também oportunidades mais amplas de expressão, escuta e construção de sentidos sobre si e sobre o mundo.

Palavras-chave: Leitura Na Infância. Desenvolvimento Infantil. Vínculo Afetivo.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primeiros meses de vida, os bebês já estão mergulhados num mar de sons, olhares e sensações. É como se o mundo, aos poucos, fosse se apresentando em suaves ondas e a leitura, mesmo que ainda sem letras reconhecidas, já pode fazer parte dessa travessia. Ler para bebês e crianças pequenas não é só contar histórias, é construir pontes invisíveis entre o afeto e o aprendizado, entre o brincar e o pensar.

A leitura nessa fase tão delicada da vida tem um valor enorme, ainda que nem sempre seja enxergada com o devido peso. Justamente por isso, este tema chama atenção e merece ser discutido. Afinal, num tempo em que o imediatismo e as telas tomam conta do dia a dia, parar para ler com uma criança se torna quase um ato de resistência e também de amor. É um momento de conexão, de silêncio cheio de significado, de imaginação solta feito pipa ao vento.

Portanto surge um problema: mesmo com tantos estudos apontando os benefícios da leitura desde o berço, ainda se vê pouca prática, tanto nas casas quanto nas instituições de educação infantil. Por quê? O que impede os adultos de mergulharem com as crianças nesse universo encantado das histórias? Será que falta tempo? Informação? Ou será que muitos ainda não se deram conta do quanto uma história pode transformar?

Partindo dessas questões, levanta-se a hipótese de que a leitura é pouco presente na rotina dos bebês e das crianças não por falta de interesse delas que, aliás, se encantam com cada entonação, imagem e gesto, mas por falta de conhecimento ou estímulo por parte dos adultos. Por outro lado, acredita-se que, quando essa prática é inserida desde cedo, ela fortalece o vínculo afetivo, amplia a linguagem, aguça a curiosidade e planta o gosto pelo saber.

Diante disso, o objetivo geral deste artigo é refletir sobre a importância da leitura para o desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas. Entre os objetivos específicos, destacam-se: compreender de que forma a leitura contribui para o vínculo entre adultos e criança; analisar os efeitos da leitura no desenvolvimento da linguagem e do pensamento; e sugerir caminhos possíveis para incentivar essa prática no ambiente familiar e escolar.

A metodologia adotada será uma pesquisa bibliográfica, baseada em autores e documentos que se dedicam ao estudo da leitura na primeira infância. O objetivo é costurar

o conhecimento teórico com a prática cotidiana, de modo que o texto sirva como um convite: que mais adultos se sintam tocados a ler, contar e encantar, oferecendo às crianças não apenas palavras, mas mundos inteiros para descobrir.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS PEQUENAS

Desde os primeiros meses de vida, os bebês já demonstram interesse por vozes, ritmos e sons. O momento da leitura, mesmo que eles ainda não compreendam as palavras, pode ser extremamente enriquecedor. Ler para um bebê é muito mais do que um simples passatempo: é um gesto de afeto, uma forma de comunicação que fortalece laços e estimula sentidos. Segundo Abramovich (2006, p. 11), "quem lê para uma criança oferece um presente: a possibilidade de descobrir o mundo das palavras, do pensamento e da imaginação".

O contato precoce com os livros proporciona uma série de benefícios no desenvolvimento infantil. Ainda que a criança não fale ou não saiba ler, ela já observa, escuta, interpreta expressões e se encanta com imagens. É nesse processo que a leitura vai tecendo, pouco a pouco, as primeiras estruturas da linguagem e do pensamento. Para Silva (2012), “a leitura desde os primeiros anos de vida favorece o desenvolvimento da linguagem oral, das emoções e da criatividade”.

Além do aspecto linguístico, a leitura também colabora para o fortalecimento dos vínculos afetivos. Quando um adulto se dispõe a ler com calma, com entonação e carinho, cria-se um momento único de atenção e presença. Essa troca fortalece a relação entre leitor e ouvinte, gerando uma sensação de segurança emocional. De acordo com Britto et al. (2005), o envolvimento afetivo durante a leitura estimula não apenas o interesse pelas histórias, mas também o desenvolvimento emocional da criança.

Outro ponto importante é que a leitura para bebês e crianças pequenas amplia o vocabulário, mesmo que de forma inconsciente. Cada palavra ouvida e repetida ajuda a compor uma rede de significados que será essencial nos anos seguintes, quando a criança for alfabetizada. Conforme Teberosky e Colomer (2003), o contato com diferentes gêneros e estruturas textuais na primeira infância contribui para a formação de leitores críticos e autônomos.

Mesmo sem saber decifrar letras, os pequenos leitores já demonstram interesse por livros. Eles viram páginas, apontam figuras, repetem frases e criam enredos próprios. É nessa experimentação que se constrói a familiaridade com o objeto livro, algo que será fundamental no processo de letramento. Para Soares (2003), o letramento se inicia muito antes da alfabetização formal, e o contato lúdico com os livros é parte essencial desse processo.

A escola tem um papel fundamental nesse cenário. Quando os espaços educativos reconhecem a importância da leitura desde os primeiros anos, criam-se ambientes mais ricos e estimulantes. Professores que leem com frequência para seus alunos contribuem não só para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a formação de cidadãos mais sensíveis e atentos ao mundo ao seu redor. Como afirma Barbosa (2010, p. 32), “a leitura compartilhada deve ser um hábito cotidiano nas instituições de Educação Infantil”.

Além da escola, a família também exerce influência direta no gosto pela leitura. Crianças que crescem em ambientes onde os adultos leem e valorizam os livros tendem a reproduzir esse comportamento. O exemplo, nesse caso, vale mais do que mil palavras. De acordo com Morais (1997, p. 17), "a família é a primeira mediadora entre a criança e o mundo da linguagem, e sua atuação é decisiva nos primeiros contatos com a leitura".

No entanto, é preciso lembrar que incentivar a leitura não requer grandes recursos financeiros. Livros podem ser emprestados de bibliotecas, trocados entre famílias ou mesmo improvisados com materiais recicláveis. O mais importante é o gesto, a intenção e o tempo dedicado. Segundo Cunha (2001, p. 6), “ler para uma criança é um ato de cuidado, um investimento afetivo e educativo que não exige muito, mas que oferece muito

em troca".
O que se observa, portanto, é que quanto mais cedo a leitura entra na vida da criança, maiores são os benefícios para sua formação integral. A leitura estimula a escuta, a atenção, a empatia, a capacidade de imaginar e resolver problemas. Como bem sintetiza Bettelheim (1980, p. 19), "as histórias ajudam as crianças a dar sentido à vida, a organizar emoções e a encontrar um lugar seguro no mundo".
Diante de tantos aspectos positivos, fica clara a necessidade de incluir a leitura como parte da rotina desde os primeiros anos. Seja em casa ou na escola, com livros simples ou sofisticados, o importante é abrir portas para que os bebês e as crianças pequenas descubram o prazer de ouvir e contar histórias. É como oferecer asas invisíveis: mesmo antes de aprenderem a andar, elas já podem voar com a imaginação.

2 A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA PARA O VÍNCULO ENTRE ADULTOS E CRIANÇA

Ler para uma criança é muito mais do que ensinar palavras é um jeito de dizer "eu estou aqui com você". No silêncio entre uma frase e outra, no ritmo da voz que muda de tom a cada personagem, nasce um espaço de intimidade. É ali, no colo, no sofá ou no tapete da sala, que adultos e crianças se encontram de verdade. A leitura, quando feita com afeto, vira um fio invisível que costura corações, fortalecendo os laços entre quem lê e quem escuta.
Nos primeiros anos de vida, a criança precisa sentir-se segura, acolhida e amada. Essa segurança emocional não nasce de grandes gestos, mas de pequenas rotinas cheias de cuidado e ler juntos é uma delas. Segundo Bowlby (1984), o vínculo afetivo entre cuidador e criança é a base sobre a qual o desenvolvimento emocional se sustenta. E momentos como a leitura compartilhada reforçam esse elo, criando um ambiente de confiança e presença.
É durante a leitura que o adulto se dedica exclusivamente à criança. Os olhos se encontram, os risos se misturam, e as emoções das histórias passam a ser sentidas a dois. Isso gera um tipo de conexão que nem sempre acontece em outras atividades do dia a dia. De acordo com Britto et al. (2005), essas interações afetivas são fundamentais para que a criança se sinta valorizada e ouvida, algo essencial para o fortalecimento do vínculo.
A leitura permite que adulto e criança explorem juntos o mundo da imaginação. É como embarcar num mesmo barco rumo a terras desconhecidas. Cada história lida é uma oportunidade de conversa, de troca de ideias, de acolhimento de sentimentos. Segundo Abramovich (2006), ler junto é dividir sonhos e descobrir, em conjunto, diferentes formas de ser e estar no mundo.
Mesmo os bebês que ainda não falam participam dessa experiência com o corpo inteiro: olham com atenção, balbuciam, tocam as páginas, reagem às expressões do adulto. Isso mostra que a leitura não é um ato passivo, mas uma dança de interações. Para Vygotsky (1998), o desenvolvimento infantil acontece por meio da interação social, e é exatamente isso que a leitura proporciona um diálogo entre dois mundos que se encontram.
Outro aspecto importante é que, ao ler para a criança, o adulto transmite valores, emoções e até memórias afetivas. Histórias repetidas, por exemplo, viram rituais. Aquela leitura antes de dormir, todos os dias, pode se tornar um marco afetivo, algo que a criança vai lembrar por toda a vida. Para Colomer e Camps (2002), o ato de compartilhar leituras constrói um repertório emocional comum, fortalecendo o sentimento de pertencimento.
Na correria da vida moderna, encontrar tempo de qualidade com as crianças pode ser um desafio. Nesse cenário, a leitura surge como um refúgio. Um tempo em que se desliga o celular, se desacelera o passo, e se mergulha na história com presença verdadeira. Segundo Morais (1997), a leitura em voz alta cria um espaço privilegiado de escuta e acolhimento, fortalecendo vínculos que sustentam o desenvolvimento emocional da criança.
Vale lembrar que esse vínculo não se forma apenas com pais e mães, mas também com avós, tios, professores e cuidadores. Qualquer adulto que se disponha a ler com

carinho já está construindo uma ponte de afeto. Para Silva (2012), a leitura mediada é uma ferramenta poderosa de aproximação, porque cria um canal direto de comunicação sensível entre o adulto e a criança.

Essa relação criada através da leitura tem impactos duradouros. Crianças que vivem essas experiências costumam desenvolver mais empatia, mais abertura para o diálogo e maior segurança emocional. Como afirma Bettelheim (1980), os contos ajudam a criança a nomear sentimentos, a entender seus medos e a perceber que não está sozinha em suas emoções e isso é profundamente acolhedor.

É importante lembrar que a leitura não exige perfeição. Não é preciso ler com vozes engraçadas ou saber interpretar como um ator. O que a criança mais deseja é estar ali, junto, sentindo que aquele momento foi feito só pra ela.

2.3 OS EFEITOS DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E DO PENSAMENTO

A leitura tem o poder de abrir caminhos dentro da mente. Quando uma criança ouve uma história, ela não está apenas escutando palavras: está ativando ideias, construindo imagens mentais, fazendo conexões com aquilo que já viveu ou imaginou. É como se, a cada página virada, seu pensamento desse um salto para mais longe. Para Marcuschi (2008), a linguagem é, antes de tudo, uma forma de ação no mundo e a leitura, desde cedo, amplia a capacidade da criança de agir e pensar com mais complexidade.

Durante a leitura, o vocabulário da criança cresce feito árvore bem cuidada: cada nova palavra ouvida é como uma folha que se soma ao todo. Mesmo que ela não entenda tudo de imediato, vai armazenando sons, expressões e sentidos que, aos poucos, se integram ao seu modo de falar e pensar. De acordo com Antunes (2003), quanto mais cedo se inicia o contato com os textos orais e escritos, mais rico se torna o repertório linguístico e mais fluida será a produção oral e escrita no futuro.

A leitura estimula a escuta atenta, o raciocínio lógico e a capacidade de formular hipóteses. Ao acompanhar o enredo de uma história, a criança se vê diante de situações-problema, de escolhas morais, de personagens que sentem, erram e aprendem. Isso tudo alimenta sua capacidade de refletir, de se colocar no lugar do outro e de organizar pensamentos mais abstratos. Segundo Koch (2015), ler desenvolve a competência discursiva e amplia os modos como a criança interpreta e interage com o mundo.

Outro ponto importante é que a leitura ajuda a criança a compreender melhor a estrutura da linguagem. Ao ouvir histórias bem construídas, com começo, meio e fim, ela começa a reconhecer padrões, identificar tempos verbais, perceber como as palavras se encadeiam para formar sentidos. Isso será essencial mais adiante, no processo de alfabetização e produção de textos. Para Kleiman (1995), a familiaridade com diferentes gêneros textuais desde cedo fortalece a consciência linguística e a habilidade de leitura crítica.

As histórias também alimentam o pensamento criativo. Ler não é apenas absorver conteúdos, mas também imaginar soluções, criar cenários, antecipar desfechos. A criança passa a brincar com as ideias, a buscar sentido no que lê e ouve. Para Piaget (1998), o desenvolvimento cognitivo ocorre à medida que a criança interage com o mundo e reorganiza suas estruturas mentais e a leitura é uma dessas interações ricas e desafiadoras.

A leitura contribui diretamente para o desenvolvimento da linguagem oral. Crianças que têm o hábito de escutar histórias desenvolvem maior fluência na fala, utilizam frases mais completas e expressam melhor suas emoções. Como destaca Dolz e Schneuwly (2004), o domínio dos gêneros orais e escritos é construído na prática social da linguagem, e a leitura compartilhada é um espaço privilegiado para esse aprendizado.

A leitura também desperta o gosto pela comunicação. Ao ouvir uma história que mexe com suas emoções, a criança sente vontade de contar, perguntar, comentar e é nesse movimento que ela amplia sua capacidade de se expressar. Para Bezerra (2012), quanto mais ricas e variadas forem as experiências linguísticas na infância, maior será o domínio da linguagem nas fases seguintes do de-

senvolvimento.
Vale lembrar que a leitura não precisa ser limitada aos livros. Anúncios, rótulos, placas, canções, poemas e até receitas podem se transformar em fontes valiosas de linguagem. O importante é manter viva a curiosidade da criança, ajudando-a a perceber que o mundo é feito de textos e que ela pode, sim, interagir com todos eles. Segundo Rojo (2009), a linguagem está em tudo, e é papel do educador e do mediador tornar essas práticas significativas.
Outro aspecto a considerar é que a leitura atua também na construção do pensamento crítico. Desde pequenas, as crianças podem aprender a observar diferentes pontos de vista, a questionar atitudes dos personagens, a entender que o mundo não é feito de respostas prontas. Como afirma Bakhtin (2011), o diálogo é a base do pensamento e a leitura é um convite permanente ao diálogo.
Por tudo isso, é possível afirmar que a leitura na infância é um terreno fértil para o florescimento da linguagem e do pensamento. É através dela que a criança aprende a nomear o mundo, a organizar suas ideias, a criar pontes entre o que sente e o que entende. Quando se lê para uma criança, não se está apenas contando uma história: está se ajudando a construir uma mente que pensa, sente, fala e transforma.

2.4 CAMINHOS POSSÍVEIS PARA INCENTIVAR A LEITURA NO AMBIENTE FAMILIAR E ESCOLAR

Incentivar a leitura na infância é como regar uma plantinha todos os dias: exige cuidado, presença e um olhar atento para o tempo da criança. Mas, ao contrário do que muitos pensam, não é preciso grandes investimentos ou técnicas sofisticadas. O mais importante é criar um ambiente onde os livros sejam bem-vindos e a leitura aconteça com afeto e naturalidade. Afinal, como lembra Paulo Freire (1996), “ler é, antes de tudo, um ato de amor”.
No ambiente familiar, tudo começa com o exemplo. Quando a criança vê os adultos lendo seja um livro, uma revista ou até uma receita de bolo, ela percebe que a leitura faz parte da vida. Isso desperta sua curiosidade e vontade de imitar. Segundo Abramovich (1997), o adulto leitor é o principal modelo para a criança, pois não se pode levar ninguém ao mundo da leitura sem estar, de fato, mergulhado nele.
Além do exemplo, é fundamental reservar momentos específicos para ler junto. Pode ser antes de dormir, depois do banho ou em uma tarde de domingo. O importante é que a leitura se torne um ritual gostoso, um tempo de qualidade compartilhado. Para Bamberger (1995), crianças que ouvem histórias lidas por adultos desenvolvem uma atitude positiva em relação à leitura, associando-a ao prazer e à afetividade.
Outro caminho importante é oferecer livros adequados à faixa etária da criança, com linguagem acessível, ilustrações atrativas e temas que dialoguem com seu universo. Mas isso não significa que o acervo precisa ser grande. Poucos livros bem escolhidos e bem utilizados já fazem uma grande diferença. Como ressalta Cagliari (2009), o essencial é que a criança tenha acesso e liberdade para manusear os livros de forma autônoma.
As bibliotecas públicas e comunitárias também são fortes aliadas. Muitas famílias não têm condições de comprar livros, mas podem usufruir desses espaços. A ida à biblioteca pode se tornar um passeio prazeroso, que aproxima a criança do universo da leitura. Segundo Soares (2004), democratizar o acesso ao livro é uma das formas mais eficazes de garantir o direito à leitura desde cedo.
No ambiente escolar, é essencial que a leitura vá além da obrigação. Os momentos de leitura devem ser pensados como oportunidades de encantamento, e não apenas de avaliação. Professores que leem com paixão, que escolhem bem os textos e que conversam com os alunos sobre o que leram ajudam a criar leitores mais autônomos e críticos. Para Cosson (2007), a formação do leitor na escola depende de práticas significativas, que respeitem os interesses e o tempo de cada criança.
A leitura em voz alta deve ser prática constante nas salas de aula, inclusive na Educação Infantil. Quando o professor lê para a turma, ele mostra como a leitura pode ser viva, expressiva, emocionante. Essa escuta compartilhada desperta sentimentos, perguntas e ideias. De acordo com Ramos e Bor-

tolanza (2016), a mediação leitora na escola é um momento potente de construção coletiva do sentido.

Também é importante permitir que as crianças escolham o que querem ler. Dar autonomia na escolha dos livros estimula o protagonismo e mostra respeito pelos seus gostos e curiosidades. Como afirma Zilberman (2003), o prazer da leitura nasce do encontro entre o leitor e a obra, e esse encontro precisa ser livre, espontâneo e significativo.

Projetos como feiras de livros, rodas de leitura, contação de histórias e troca de livros entre os alunos também são estratégias eficazes para aproximar a criança da leitura. Quando esses eventos acontecem de forma lúdica e participativa, eles transformam a leitura em algo desejado e valorizado no cotidiano escolar e familiar.

Portanto, é essencial lembrar que incentivar a leitura é um processo contínuo. Não se trata de uma fórmula pronta, mas de cultivar, dia após dia, a escuta, a curiosidade, o vínculo e o encantamento. Ler com e para as crianças é, antes de tudo, um gesto de confiança: de que, ao oferecer palavras, estamos ajudando a construir seres humanos mais sensíveis, críticos e imaginativos.

3 CONCLUSÃO

Chegando ao fim deste percurso, fica evidente que a leitura, quando presente desde os primeiros anos de vida, tem um papel profundo e transformador no desenvolvimento das crianças. Ela não apenas estimula a linguagem e o pensamento, como também fortalece os laços afetivos, nutre a imaginação e convida a criança a descobrir o mundo com olhos mais curiosos e sensíveis.

Ao longo dos capítulos, foi possível perceber que o ato de ler para bebês e crianças pequenas vai muito além de ensinar letras ou palavras. Trata-se de um gesto de cuidado, de presença e de afeto. Cada história contada carrega em si um pouco de quem lê e um muito daquilo que se quer transmitir: amor, segurança, fantasia, empatia.

Os estudos analisados mostraram que a leitura desde cedo amplia o vocabulário, desenvolve a consciência linguística e estimula a organização do pensamento. Além disso, ela convida a criança a dialogar com diferentes mundos e pontos de vista, o que contribui para a formação de sujeitos críticos e criativos.

Tanto o ambiente familiar quanto o escolar têm papéis fundamentais nesse processo. Quando esses espaços se abrem para a leitura, criam-se oportunidades reais de encantamento, de escuta mútua e de construção de vínculos. Pequenos gestos, como separar um tempo do dia para ler juntos ou deixar os livros ao alcance das mãos, fazem toda a diferença.

Também ficou claro que não é preciso muito para começar: o essencial é a intenção, a disponibilidade e o desejo genuíno de partilhar histórias. Seja com livros comprados, emprestados ou improvisados, o importante é manter viva a chama da leitura como parte da vida, e não como uma obrigação.

Dessa forma, incentivar a leitura na infância é plantar raízes profundas que sustentarão toda uma vida. É ajudar a criança a crescer com mais palavras, mais sentimentos, mais horizontes. E, talvez, mais do que tudo isso, é ensinar que a leitura é um caminho possível para se conhecer, se expressar e transformar o mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 12. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um letramento linguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. 9. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Educação infantil: muitos olhares. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Desenvolvimento da linguagem e letramento na educa-

ção infantil. São Paulo: Cortez, 2012.
BOWLBY, John. Apego: a natureza do vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
BRITTO, Patrícia Rangel; ENGLE, Patrice; SUPER, Charles. Desenvolvimento na primeira infância: importância das experiências precoces. Brasília: UNESCO, 2005.
CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. 18. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. Ensinar a ler, ensinar a compreender. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
COSSON, Rildo. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2007.
CUNHA, Maria Antonieta Antunes. O texto poético na alfabetização. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: SIGNORINI, Inês (Org.). Alfabetização como prática social. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 17-31.
KOCH, Ingedore G. Villaça. Ler e compreender: os sentidos do texto. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. p. 19-35.
MORAIS, Artur Gomes de. Alfabetização e letramento: implicações para o ensino. São Paulo: Cortez, 1997.
PIAGET, Jean. O julgamento moral na criança. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RAMOS, Ana Paula; BORTOLANZA, Heloísa. Leitura literária na escola: mediação e formação do leitor. Campinas: Mercado de Letras, 2016.
ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
SILVA, Eliana Yunes da. Leitura e infância: o direito de ler desde cedo. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2004.
SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. Leer y escribir en la escuela: lo real, lo posible y lo necesario. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 2003.